

Seis

Apocalipse 21:6

O sol estava no ponto mais alto de todo o dia e brilhava intensamente, como a maioria dos dias do ano em Salvador. Não havia como saber a hora exata sem algum relógio, mas também não era necessária muita vivência na cidade para saber que não passava muito além das duas da tarde. Apesar da quentura normal que a cidade tinha, ninguém reclamou e o próprio Eduardo estranhava como não sentia calor. O dia parecia estranhamente fresco.

Todos estavam em silêncio desde o último incidente. A Avenida Centenário ainda ajudou na privação de sons, onde não se via nada mais além de carros estacionados e dois ou três capotados e, assim como boa parte da cidade, estava vazia.

Eduardo pôde jurar por pelo menos duas vezes que tinha visto pôneis tentando evitá-los. Estes estavam em becos, mostrando apenas parte de sua cabeça e se escondendo no primeiro olhar desconfiado que o grupo deles fazia. Preferiu não comentar com ninguém, nem mesmo com Gabriel, o que vira, mais pela situação atual do que pela incerteza.

Tudo isso se tornou diferente quando ao invés de achismos, ele pôde ter a certeza que alguém observava eles ao longe.

Desviou o olhar rapidamente e o observador não percebeu. Não era mais uma impressão; havia *mesmo* um pônei escondido em uma das ruas.

Eduardo- Gabriel.

Gabriel- Hum?

A pégaso amarela foi pega de surpresa com a voz baixa chamando pelo seu nome. A virada de sua cabeça foi tão brusca que até mesmo chamou a atenção dos pégasos que vinham logo atrás.

Gabriel- O que foi?

Eduardo- Eu tenho certeza que vi alguém.

Gabriel hesitou e Eduardo percebeu que ele estava usando apenas o olhar para tentar localizar a quem seu amigo se referia.

Gabriel- Onde? - perguntou finalmente.

Eduardo- Duas horas.

Usando apenas o olhar, o pônei vermelho notou que o observador se escondeu, rapidamente.

Gabriel- Eu vi. Você não está imaginando coisas.

Eduardo- Rafael!

O grito causou a parada de todos. O unicórnio ainda mantia a distância de cinquenta metros a frente que conquistara uma hora antes, mas respondeu instantaneamente ao chamado.

Rafael- Eu já disse que não vou...

Eduardo- Tem alguém ali. - interrompeu e usou o casco para apontar.

Rafael olhou para a direção apontada e analisou-a por algum tempo.

Rafael- Não vejo ninguém.

Eduardo- Sim, ele já percebeu que nós vimos ele também e se escondeu.

Após terminar de falar, começou a tirar todas as malas que estavam amarradas em suas costas, deixando todas elas no chão.

Rafael- O que cê tá fazendo?

Eduardo- Vou verificar. - disse, com o rosto impassivo. - Gabriel, vem comigo?

Gabriel- Estou tão curioso e irresponsável quanto você.

Gabriel também tirou todas as malas de suas costas, o que não levou mais do que meros segundos. Começou a galopar junto com Eduardo e foram interrompidos por Rafael, que se teletransportou para a frente deles usando a magia.

Gabriel- Belo truque. Não é a primeira magia que você usou na nossa frente?

Rafael- O que diabos estão querendo fazer? - ignorou completamente a pergunta da pégaso. - Se vocês realmente viram alguém, o que temos que fazer é galopar mais rápido para despistá-los. Não quero confusões.

Eduardo- Você não agiu assim conosco.

A fala do pônei vermelho foi imediata e adicionava um "por quê?" indiretamente.

Rafael- Não agi assim com vocês porque vi que eram só dois. Só porque viram alguém, não há a menor certeza se ele está sozinho. Vejam o labirinto que essa rua leva. O que faz garantir que não seja uma armadilha?

Eduardo- O que garante que você não é uma armadilha?

Aquela pergunta causou um esperado silêncio. Enquanto Rafael permanecia boquiaberto, os dois apenas olhavam para ele, com o mesmo olhar de "poucos amigos" que estavam demonstrando desde a última discussão.

O unicórnio não deixava de ter razão. A entrada era para uma das inúmeras favelas de Salvador e esta não era diferente das outras; contava com um grande amontoado de casas e invasões, ruas estreitas e mais outros detalhes que Eduardo não fazia ideia, pois pouco frequentou daquele tipo de lugar. Seguiu a risca o ensinamento padrão de "favelas são perigosas" que tivera quando menor e preferia não arriscar passar por tais locais.

Mas aquilo não importava no momento. Ser pobre ou rico, morar em lugar nobre ou humilde... não era nada mais do que uma relatividade sem importância, um preconceito desnecessário, um isolamento sem sentido. Provavelmente haviam pessoas, ou no caso, pôneis, que nem ele e tão atordoados quanto. Até aceitou a ignorar os que veria no farol da Barra, mas a verdade é que estava mais do que curioso para saber como outras pessoas estavam lidando com a situação. Gabriel tinha a ele, que era o *brony* da história e que sabia mais ou menos como as coisas funcionavam, assim como o grupo de Rafael tinha o unicórnio para alguma orientação, porém o que aconteceria com quem estivesse seguindo sua vida comum e se transformasse em pônei literalmente da noite pro dia?

Para Eduardo isso era completamente inimaginável. Seu amigo até tinha reagido consideravelmente bem a transformação, que foi ainda mais exagerada nele, mas ele tinha o "porto seguro", que serviu para acabar com várias dúvidas que tinha. E quanto a quem não tinha esse privilégio? Não era mais uma questão de segurança; talvez as pessoas não queriam "mostrar a cara" simplesmente por estarem perdidas.

Absurdo? Bom, um humano se transformar em um pônei também era um absurdo horas atrás. Ser "absurdo" ou não, não era cabível de discussão no momento.

Rafael- Isso é tudo por que eu não quis contar a minha história?

Sua voz estava no volume normal. A pergunta dava uma sensação muito maior de decepção do que dúvida.

Gabriel- Talvez. - a resposta foi seca e não combinava com aquela voz.

Eduardo- Escuta, Rafael... eu não sei o que você fez, mas sim, esse é um dos motivos. - respirou fundo antes de voltar a falar. - Nós contamos absolutamente tudo do que aconteceu conosco a você e seu grupo e tudo que tivemos em retorno foram segredinhos. Carregamos malas que nem sabemos o que tem dentro e até agora não fazemos ideia de quem porra você é e nem porque vocês estão vagando por uma cidade que aparentemente ninguém quer mostrar a cara.

O unicórnio apenas o observou durante um tempo, como se estivesse absorvendo o que ouvira e refletindo. A resposta veio bem antes do que Eduardo esperava.

Rafael- Não adiantaria eu contar agora, pois vamos perder o pônei que viram.

Eduardo- Por mais desculpinha que isso pareça, tenho que concordar. Vamos, Gabriel?

Rafael- Eu vou com vocês. - e olhou para trás. - João, Laércio... venham comigo! Pai, mãe e Flávio... fiquem aqui!

Devido a grande distância, precisou gritar para que seu grupo o ouvisse. Os dois pégasos atenderam o pedido instantaneamente, enquanto os três terrestres agiram como se não tivessem escutado, mas isto cumpria a "ordem", mesmo que indiretamente. O pônei vermelho e a pégaso amarela não foram contra a decisão do unicórnio e este entendeu como uma autorização.

Adentraram na rua que Eduardo havia indicado. A visão principal era de uma ladeira íngreme logo a frente e havia para onde ir pela primeira esquerda e direita, mas não havia sinal de pessoas ou pôneis em lugar algum. As casas ao redor denunciavam o porquê de ser um local pobre; a maioria delas não tinha reboco ou pintura e a engenharia de construção das mesmas tinha fortes indícios de serem feitas por quem não entendia tanto assim de matemática.

O cenário era de uma cidade fantasma.

Os cinco pôneis pararam, como se soubessem que algo ia acontecer. Esperaram pacientemente por algo que nem mesmo sabiam o que seria. Nada aconteceu; se aquilo era mesmo uma armadilha, eles teriam que ir mais adiante para descobrirem.

E assim o fizeram.

Pararam novamente no cruzamento. As ruas da esquerda e direita tinham uma curva em menos de cem metros e era justamente onde acabava a visão. Não havia muito o

que olhar também além da pequena planície; tudo possível de enxergar terminava quando chegava no ponto mais alto.

Rafael- Como imaginei... - começou a dizer, subitamente. - Um maldito labirinto.

Eduardo- Perfeito para armadilhas.

Gabriel- Assim que é bom.

Os dois pégasos amigos de Rafael estavam sobrevoando o local e em seguida desceram.

João- Não há ninguém... ao menos não vimos ninguém, em todo o arredor.

O unicórnio cor de salmão estava prestes a falar, mas foi interrompido pela pégaso amarela.

Gabriel- Claro que não há ninguém pelos arredores. Eles nos viram antes e provavelmente notaram que no nosso grupo há três pégasos.

Rafael- E?

Gabriel- E... se você andar pelas ruas com essas condições, será encontrado por pégasos. Seria burrice.

Rafael logo entendeu o que ele quis dizer.

Rafael- Quer dizer que eles estão nas...

Não terminou a frase, interrompida por um som de um tiro. Logo atrás deles, Laércio caiu brutalmente no chão, gritando de dor.

Rafael- Puta que... se escondam! *SE ESCONDAM!*

Ninguém contestou a ordem e saíram o mais rápido possível do cruzamento, tentando se esconder em um resto de uma casa abandonada próxima que estava sem portas, janelas e parte do teto.

Quando entraram, Gabriel fez uma conta simples e só contou três pôneis, incluindo ele.

Gabriel- Aonde é que tá o Duda?

No momento da pergunta, Rafael notou a falta também de Laércio.

Gabriel- *CADÊ DUDA, PORRA?*

A pégaso amarela parecia transtornada pela primeira vez desde que tinha se juntado ao grupo. Isto assustou o unicórnio, que resolveu simplesmente responder no mesmo tom.

Rafael- *EU NÃO SEI, CACETE!* - notou também a falta de mais alguém. - Laércio também não está aqui... meu Deus.

Quase que exatamente após terminar de falar, ouviram outro tiro e uns gritos indecifráveis ao longe. Se já estavam tentando se proteger, abaixaram ainda mais.

João- Mas que merda é essa?! O que há de errado com essa gente?

Gabriel- Eu... eu vou buscar Duda.

Rafael tentou impedi-lo da ação, mas em vão. A pégaso já tinha saído da casa, galopando a toda velocidade. Não tinha muito tempo para pensar, chegando a uma conclusão rapidamente.

Rafael- Merda... eu vou ajudá-los também...

João- Tá maluco, porra? Você vai tomar um tiro de graça!

Logo após terminar de falar, recebeu um olhar nitidamente raivoso do unicórnio, mas este se acalmou consideravelmente depressa.

Rafael- E faz mesmo alguma diferença?

A pergunta foi suave, contrastando toda aquela loucura que acontecia. Ele não esperou resposta e se dirigiu o mais rápido possível para onde deveria estar a porta da saída.

Não precisou sair. A primeira visão que teve foi a de Eduardo e Gabriel carregando algum pônei e gritando "abram caminho" repetidamente. Rafael logo percebeu quem era o pônei carregado.

Era Laércio.

Os três entraram depressa e colocaram o pégaso alvo no chão, com o máximo de cuidado que conseguiam. Esta ação foi o suficiente para que ele gritasse de dor.

Laércio- Ai, caralho. Por que dói tanto?

Eduardo- Você tomou um tiro. Parece óbvio.

Rafael se aproximou e pôde perceber os detalhes.

Laércio tinha uma marca de um corte profundo em um de seus braços, como se fosse feito por um projétil em altíssima velocidade, mas não acabava por aí. Sua asa esquerda estava aberta e tinha uma perfuração circular localizada quase no meio. Como a asa era fina, a bala não permaneceu, deixando apenas tal marca.

O vermelho do sangue se tornava ainda mais vivo naquela pelagem branca, mas a maior parte dele saía do profundo ferimento do braço.

Laércio- Ai! Ai! - demonstrava que a dor era latejante. - Desgraça, isso dói muito... digam que foi só de raspão.

Rafael- E foi... no braço. Mas o tiro continuou até atingir a asa.

O pégaso, que estava de olhos fechados até então, resolveu abrí-los para observar o estrago. Olhou para a asa ferida rapidamente e logo voltou a posição de repouso inicial; ou pelo menos o mais próximo que poderia ser chamado de "repouso" naquele momento.

Laércio- Engraçado... - começou a rir, variando entre gaguejos. - eu pensava que a cor do sangue dos pôneis malditos fosse as do arco-íris. Que vermelho mais sem graça...

Rafael- Pare de falar essas besteiras. - se culpava porque tentava segurar o riso em uma situação como aquela. - Você não vai morrer.

Laércio- Eu sei que não... mas sempre tive vontade de falar frases desse tipo, então aproveitei que estão preocupados comigo.

Não tiveram tempo de esboçarem mais nenhum tipo de reação; ouviram uma voz gritando ao longe e seu tom era de poucos amigos.

?- Cês acham mermo que por eu ter virado um desses pôneis eu não sei mais usar uma arma? Deu pra ver que acertei um amiguinho seu, então se não querem mais pobremas, é bom mostrarem a cara!

A voz foi o suficiente para deixar claro quanto a que tipo de ameaça estavam enfrentando e suficiente também para causar diversos tipos de emoções nos cinco pôneis que se escondiam naquela casa. Tais emoções variavam de desespero a pura e simples raiva.

Rafael- Quem... - tentava controlar algum tipo de força invisível que o fazia gaguejar. - quem ele pensa que é?

Gabriel- Melhor nem saber. Não quero ter problem...

Não conseguiu terminar a frase. O mesmo ser ameaçador voltou a falar, sem pedir autorização.

?- Ou cês saem da área, ou vou matar um por um! É por culpa do'cês que mainha morreu! - a voz contrasteou para uma mais chorosa. - Mainha, painho e brothers... todos morreram!

Rafael- Culpa nossa? Que tipo de imbecil...

?- Tô sozinho nessa porra! - não ouviu o que Rafael dissera e a interrupção foi automática. - E não vai ser um bando de *playboyzinhode* merda que vai me impedir de pegar o corpo da mainha aí de dentro!

A última frase tinha maior importância que as outras. Ninguém havia percebido em qualquer coisa parecida com um corpo até então; a casa estava escura, o que tornava esta ação um pouco mais difícil, mas não impossível.

Até que viram; havia algo estendido sobre um colchonete e coberto por um pano branco com rasgos visíveis no lado oposto da casa abandonada.

Por um tempo apenas olharam, sem saber direito o que fazer. A voz de seja lá quem estivesse os ameaçando cessou e aquilo poderia ser bom ou ruim.

A iniciativa ficou por parte de Rafael e ninguém contestou, permanecendo amontoados em um dos cantos da residência danificada. Galopava lentamente, mais pelo medo do que encontraria ali do que por grande paciência, mas a distância não era das maiores e logo ficou em frente a seja lá o que estivesse por cima daquele colchonete, com uma visão de camarote.

Seu chifre começou a brilhar. Gabriel e Eduardo não tinham percebido na primeira magia, e até antes dessa, a última, que o unicórnio tinha utilizado, mas agora conseguiam ver; a cor do brilho era a mesma dos seus pêlos, um bonito vermelho claro, mas não claro o suficiente para ser rosa. Pouco admiraram a cena, porém, pois a magia já havia tirado parte do que a coberta branca estava escondendo.

A primeira revelação foi o rosto de uma mulher. Era negra e tinha um curto cabelo moreno que não passava muito além dos ombros; seus olhos estavam fechados e

sua boca estreitamente aberta, o que passava a irônica impressão de serenidade. Rafael continuou utilizando seu chifre para mostrar lentamente o resto; usava uma camisa baby look branca com mangas apertadas, tão apertadas quando o resto da camisa, que valorizava o busto e mostrava seu umbigo.

O susto que tivera ao continuar o trabalho foi o suficiente para parar com a magia e dar um leve recuo para trás.

Até alguns centímetros após o umbigo, tudo parecia perfeitamente normal e então seu corpo revelou pêlos. A pelagem era de um verde quase tão escuro quanto um preto, mas que contrastava o suficiente com o que esperavam ver.

O ato súbito do unicórnio fez revelar quase tudo coberto e não havia mais dúvidas; a cintura para baixo era a de um pônei, com direito a uma longa cauda de tonalidade azul, mas a parte de cima era de uma humana. Lembrava muito um minotauro, mas com o detalhe que tinha características de pônei ao invés de touro.

?- Deixe ela em paz, seu viadinho.

Rafael virou rapidamente; perto da entrada sem porta da casa conseguia ver um pônei de pêlos cianos e de crina negra e volumosa. Era um pégaso, com as asas tão grandes quanto a de outros que já tinha visto. Estremeceu mais do que queria quando percebeu que ele estava lhe apontando uma pistola em que não se importava com o seu modelo. Era letal do mesmo jeito.

?- Deixa ela em paz, ou vou atirar. Acha que não faria?

Obedecendo a ordem, o unicórnio se afastou lentamente do corpo que estava supostamente morto, ainda sem pronunciar uma palavra. Por alguma razão, ele optou ir para o lado oposto de onde estavam todos os outros.

?- Então essa merda aconteceu na cidade toda...

Rafael- Sim.

A resposta foi seca, automática e desinteressada.

?- Não quero matar nenhum de vocês, só *mim* deixem pegar o corpo.

Rafael- O que aconteceu com ela?

O pégaso responsável pelas ameaças já estava adentrando a casa, quando parou.

?- Não te interessa. Agora deixe *mim* fazer o que vim fazer e talvez cês possam ver o dia lindo que tá fazendo lá fora de nov...

Rafael- Eu lhe fiz uma pergunta. Agora responda.

A interrupção foi consciente e Rafael não parecia demonstrar sinais de dominante. Aquilo causou um espanto e, ao mesmo tempo, risadas do pégaso desconhecido.

?- Tá brincando comigo né, mano? Acha mermo que essa coisinha aqui é de mentira? - usou as asas para balançar a arma.

Rafael- Não. É uma pistola de vinte e dois milímetros.

?- Ah, é? Não sabia e tou pouco *me fudeno* para isso! - fez questão de falar a última frase da forma mais violenta possível. - O que sei é que ela já fez um estrago no seu amigo e ela pode fazer o mermo estrago em você.

Desta vez o unicórnio não respondeu a ameaça, apenas continuou com o olhar fixado no mesmo lugar.

?- E então? Vai sair ou tá difícil?

Rafael- Responda a minha pergunta e eu posso pensar no seu caso.

A resposta continha uma calma tão grande que deixou até mesmo o resto do seu grupo confuso.

?- Pensar no meu... - e começou a rir. - Ó pra isso, rapaz! Então quer dizer que o viadinho não tem medo de morrer! - deu um pequeno intervalo, como se esperasse que Rafael respondesse. Como este não fez tal ação, continuou - É bom. A consciência vai pesar menos.

No mesmo instante após terminar de falar, ajeitou a mira da arma com suas asas. Estava prestes a transformar sua ameaça em um nível além de palavras, quando o chifre de Rafael brilhou.

A arma foi puxada violentamente por algum tipo de força teoricamente invisível. Em pouco tempo estava flutuando e sua mira no lado oposto de antes; desta vez o alvo era o dono da pistola. A escuridão da casa abandonada, que contrastava com o iluminado do lado de fora, mostrava que espécie de força era aquela; a arma estava com uma luz ao seu redor, em que a cor era a mesma do chifre do unicórnio.

Rafael- Já que não quer colaborar porque acha que está em vantagem, talvez colabore em uma situação que *não* esteja em vantagem.

?- Eu... eu...

A postura do ser hostil havia mudado completamente. Antes não estava com absolutamente nenhuma hesitação de chegar o mais próximo possível de Rafael, mas desta vez estava indeciso quanto a recuar ou permanecer no mesmo lugar. Suas asas se fecharam e estava em uma pose tão defensiva que estava quase deitando no chão empoeirado do lugar.

Não teve muita chance de continuar reagindo, pois a arma brilhante mudou de direção; agora apontava para cima e começou a atirar sem aviso. Um total de cinco tiros foram desferidos no inocente e semi-apodrecido teto da casa, derrubando uma visível quantia de pó em que era possível ouvir este caindo no cessar do som de alto volume dos disparos.

Depois deste ato, todos permaneceram em silêncio por alguns segundos. O dono da arma e que pensava estar em controle da situação momentos atrás, agora tremia de medo e tentava esconder o rosto com os cascos. Suas asas estavam tão fechadas que Eduardo teve a impressão que entrariam no corpo e já estava completamente deitado no chão.

Impassível e sério, Rafael retomou a palavra.

Rafael- Esse modelo de pistola tem oito balas no cartucho, significa que, se o cartucho estivesse inteiro, ele tem uma bala sobrando agora. Olhe para mim.

O pégaso com pelagem ciano obedeceu. Boa parte da sua visão agora estava ocupada pelo objeto de metal que insistia em flutuar na sua frente. Lentamente a

arma se aproximou ainda mais, parando somente quando não havia nenhum espaço entre a boca do cano e sua testa. Apesar de sentir uma leve dor quando o objeto grudou na sua cabeça, não reagiu diferente e nem pronunciou palavra alguma.

Rafael- Deixe-me deixar claro a sua situação agora: - voltou a falar, como se tivesse planejado o momento - você tem uma pistola de vinte e dois milímetros apontada em sua cabeça com, penso eu, uma bala sobrando no cartucho. Ela está longe de mim, então nada impede de você desviar da mesma com suas asas ou com seus cascos, mas presumo que não seja tão burro de realizar tamanha idiotice se ela estiver *mesmo* com um pouco de munição. Se ela não tiver munição sobrando, coisa que só você sabe, o ato de desviar não é tão imbecil assim, mas devo avisar que é um pedaço de metal pesado e a força do meu chifre é superior a minha força física... resumindo: eu posso matar você de um jeito ou de outro, com munição ou não, então, se quer viver, não faça nenhuma gracinha.

Não houve reação do pégaso; ainda não conseguia conter a sua tremedeira e nem mesmo o pavor em seu rosto. Se Rafael buscava por alguma confirmação de que ainda havia alguma munição naquela pistola, esta era a maior delas.

Laércio ainda gemia de vez em quando, mas fixava seu olhar para a cena em sua frente; os outros três faziam o mesmo, sendo que Gabriel e Eduardo não mostravam uma expressão de espanto e sim de uma leve desaprovação. Porém não pareciam que fariam nada... ainda.

Rafael- Pelo visto então ainda tem munição, não é?

Apenas Eduardo percebeu, mas o unicórnio mostrava um sorriso no rosto. Não era um sorriso amigável, pelo contrário, era terrivelmente assustador. Era um sorriso em que a maldade era nítida.

Um sorriso de vitória.

Rafael não parecia ser um problema até então, mas observar aquela cena foi o suficiente para que tudo isto mudasse. Eduardo notou que Gabriel também percebera no sorriso inesperado e a pégaso amarela estava mais assustada que ele.

Todos estes eventos ocorreram em um intervalo de apenas alguns segundos. Quase como se tivesse sido avisado, o unicórnio voltou a sua expressão séria e autoritária que estava utilizando desde que rendeu o ser em sua frente.

Permaneceram em silêncio e esperaram pacientemente até que algum dos dois, fosse Rafael ou o pégaso ciano, reagisse. Ao mesmo tempo que o sol passou a invadir o local e iluminar boa parte da casa, deixando completamente visível a "minopônei" atrás do unicórnio, este finalmente tirou os cascos que escondiam seu rosto, revelando uma face chorosa e tristonha; a tremedeira permanecia.

Pégaso ciano- Se quer me matar, me mate, véi.

A voz era seca e sem emoções. Se este tentava controlar o medo que estava sentindo, fazia um ótimo trabalho.

Rafael- Eu não vou te matar. - respondeu com a mesma voz quase robótica. - A não ser que tente uma gracinha, como eu disse antes.

Eduardo- Então tire essa arma da cara dele.

A súbita fala de Eduardo chamou atenção até mesmo do pégaso ameaçado.

Rafael- Como é? - a pergunta parecia ter muito mais a impressão de ameaça do que desentendimento.

Eduardo- Eu disse para tirar a arma da cara dele.

Tal calma assustava até mesmo o seu dono. O terrestre avermelhado permanecia olhando para Rafael e fazia, aos poucos, uma pose que fortalecia suas palavras.

Rafael olhou para ele atônito e logo em seguida desatou a rir.

A risada não era nada parecida com o que esperavam de alguém que ria alegremente; ela trazia uma grande quantia de desdém, deixando claro que respeitar o que Eduardo dissera não era uma de suas prioridades.

Rafael- Você tá falando sério? - e continuava a rir. - Esse aqui atirou em Laércio e poderia muito bem ter atirado em você. Qual é o seu problema?

Eduardo- Exatamente. Ele poderia ter atirado, mas não o fez.

Rafael- Mas ele FEZ SIM! - o grito acontecera no mesmo momento em que soltou a sua última gargalhada. - Você só está vivo agora porque ele ERROU!

Eduardo- Se ele errou, por que ele merece morrer?

Rafael- O que diabos você quer dizer com ele "merece morrer"? Eu deixei bem claro que só atiraria nele se fizesse uma gracinha.

Gabriel- Não é o que sua cara diz.

Após aquela sequência de vozes graves, a voz mais aguda e baixa acabou chamando mais atenção do que realmente deveria.

Rafael- Minha cara? - nem Eduardo e nem Gabriel conseguiam saber se a surpresa de tais palavras era real ou apenas teatral. - O que quer dizer?

Gabriel- Se faz todo de "bonzinho" aí, mas está doido para matá-lo. Vi seu sorrisinho medonho, acompanhado de sua risada a Eduardo de agora. Você tem mesmo uns bons segredos aí guardados, não é?

Eduardo temeu que João e Laércio, mesmo machucado, fossem reagir de alguma forma insatisfatória, mas tudo o que faziam era acompanhar a discussão, boquiabertos ao mesmo tempo.

Rafael- Hum, então você imagina coisas e me acusa por sua imaginação? Se não gosta de mim, lamento dizer, mas nós estamos juntos nessa, querendo ou não. Pare de choramingar.

Gabriel- Choramingar? - deu um riso forçado logo em seguida. - Então vai me dizer que tudo era uma mentira?

Rafael- Exatamente. - a resposta foi a prontidão, como se estivesse sendo preparada desde o dia de sua nascença. - Agora parem de complicar as coisas e me...

Não teve tempo de completar a frase; sentiu um cano de ferro gelado na sua nuca.

Pégaso ciano- Deveria ouvir seus brothers, porque eles tão certos.

Rafael não conseguiu mexer muito a sua cabeça, pois esta ação era impedida pela mesma pistola que rendeu a pessoa que agora lhe ameaçava.

Ao dar atenção para Eduardo, não notou que a força que aplicava na arma por magia ficava cada vez menor. Na verdade ninguém havia notado, com exceção ao pégaso ciano; este aproveitou o primeiro momento em que sentiu a pressão da arma em sua testa ser diminuída para "virar o jogo" e quando viu que a força que sustentava a arma no ar passou a ser mínima, pegara a mesma com a maior rapidez possível com as suas asas e agora fazia uma quantia de força equivalente na nuca do unicórnio.

Pégaso ciano- Eu só queria ver mainha, mas já que cês tão me enchendo o saco, quero que caiam fora. Agora! - aumentou a força que fazia na nuca do unicórnio. - Ou vamo ser os primeiro a saber o que tem dentro da cabeça dos pôneis.

Todos permaneceram em silêncio, atônitos com a cena.

Rafael demonstrava mais calma do que era esperado, porém.

Rafael- Eu avisei. - a fala saiu quase como um sussurro.

Pégaso ciano- Hã?

Não teve tempo de reagir. Em menos de dois segundos, a arma fora arrancada de suas asas com a força mais brutal possível. O recuo que este deu no susto serviu mais como ajuda a Rafael do que qualquer outra coisa. A cena agora era do pégaso ciano rendido e o unicórnio ainda permanecia de costas.

Tudo em seguida aconteceu muito rápido.

Rafael deu uma volta de cento e oitenta graus e, enquanto a volta era feita, a pistola disparou. Todos no recinto deram um pulo para trás com o súbito disparo, incluindo Laércio, que soltou um grito de dor automático logo em seguida.

Qualquer força que estava sendo aplicada na arma foi dissipada e Eduardo teve a visão mais perfeita e mais bizarra da sua vida; o pégaso ciano ainda estava de pé e assim permaneceu durante algum tempo. O terrestre vermelho poderia até pensar quanto a arma ter falhado, mas todas as dúvidas foram retiradas quando pôde ver um buraco perfeitamente circular na testa do ameaçador. Antes deste cair, um pouco de sangue, de um avermelhado bastante vivo e escuro começava a escorrer do buraco.

A queda foi quase em câmera lenta; não havia mais nenhum comando cerebral às pernas que acabaram cedendo, junto com o corpo. Com os olhos ainda semi-abertos, o pégaso em questão desabou de uma forma curiosamente silenciosa, caindo deitado de lado. Se alguém entrasse no local naquele exato momento e fosse surdo o suficiente para não ter ouvido o disparo, poderia facilmente achar que o animal estava apenas no meio de algum sono comum.

Em poucos instantes, até mesmo a cena descrita se tornaria impossível de acontecer; o sangue continuava a escorrer e criou uma poça vermelha no chão. A pistola estava ao seu lado, com um pouco de fumaça visível saindo de seu cano.

Ele estava morto; o tiro em sua testa foi eficaz o suficiente para que este nem mesmo gritasse ou sofresse qualquer tipo de dor. Se havia algum lugar que os pôneis fossem após a morte, provavelmente este acordaria lá, completamente perdido e sem noção do que havia acontecido.

Os cinco pôneis que ainda estavam vivos permaneceram imóveis por uma quantia considerável de tempo, algo em torno de um minuto ou dois. Ainda estavam tentando por as "peças no lugar" e entender o que aconteceu.

Gabriel- Você... o que você fez?

A pergunta foi vazia e oca, além de retórica. Estava mais do que claro o que Rafael tinha feito.

Gabriel- Qual é o seu problema?! Você não precisava ter matado ele!

A voz de revolta da Fluttershy era facilmente perceptível naquelas palavras. O unicórnio não respondia.

Gabriel- EU ESTOU FALANDO COM VOCÊ, SEU IDIOTA!

O grito era de raiva, uma raiva que Eduardo nunca presenciou no *My Little Pony: Friendship is Magic*. Gabriel soltava um pouco de lágrimas que, diferente das que descem em momentos tristes, desciam fortes, quase como se fossem empurradas com a força mais brutal possível dos seus olhos.

Eduardo temia que seu amigo avançasse em direção a Rafael, que permanecia imóvel na frente deles, mas ao mesmo tempo também estava assustado com o que acabara de presenciar. Gabriel tinha sua razão... o que foi que aconteceu? Não importava que tivesse visto um sorriso demoníaco no rosto do unicórnio, permanecia acreditando que este não pudesse ser capaz de matar alguém tão friamente.

Antes que a pégaso amarela pudesse tentar qualquer coisa com o pônei de sua frente, este virou somente o rosto em sua direção.

Diferente do esperado, a expressão de Rafael era de assustada, acompanhada de lágrimas que escorriam com força; estas já não eram lágrimas de raiva e sim de medo, que saíam com muito maior frequência. O rosto do unicórnio lembrava, ironicamente, o de uma criança que acabara de fazer alguma besteira que causasse um arrependimento imediato.

Rafael- Eu... eu...

Duas palavras iguais e com um intervalo longo entre elas, era tudo o que conseguia dizer e ninguém o interrompeu. Pacientemente todos o observavam, esperando que este continuasse; mais por curiosidade do que por respeito.

Rafael- Eu... - repetiu mais uma vez, após um grande intervalo. - eu fiz... eu fiz de novo, não é?

Não continuou. Momentos depois voltou a sua atenção mais uma vez para o corpo sem vida da sua frente. A hemorragia ainda continuava e a poça já ocupava metade do espaço de onde o pégaso ciano jazia.

"Fiz de novo". Aquela parte da frase ecoava pela mente de Eduardo infinitamente. Tinha vontade de perguntar o significado, mas sentia medo da resposta com a mesma intensidade. Gabriel estava quieto, mas não mostrava maior calma; ainda olhava de forma raivosa para Rafael, tentando conter a sua raiva explosiva.

A atenção que os dois davam à cena era tamanha que não perceberam João passando a frente deles.

O amigo pégaso do unicórnio ficou na sua frente e olhava a Rafael como se esperasse algum tipo de reação, que veio logo em seguida. Eles se abraçaram silenciosamente, da forma mais desajeitada possível.

Laércio logo tomou a frente também. Sua asa machucada estava aberta e com o buraco destacável, mas não derramava mais sangue. De um jeito igualmente desajeitado, participou do abraço, o que deixou Eduardo e Gabriel ainda mais confusos. Os dois se entreolharam, como se perguntassem o que deveriam fazer.

Limitaram-se a permanecer onde estavam e respeitaram o silêncio; a única coisa possível de ouvir era engasgos e soluços de Rafael, que chorava igual a uma criança.

Ainda permaneceram mais algum tempo no local, até finalmente saírem em silêncio sem mexerem em nada lá dentro, seja do pônei morto ou da "minopônei" que estava encostada na parede. Na rua ninguém mais era visto e o sol do meio da tarde pairava em suas cabeças. Concluíram em silêncio que o melhor seria voltarem para a avenida Centenário, onde os outros três pôneis e parentes de Rafael estavam.

Ou ao menos assim parecia.

Gabriel- Parado aí.

A voz ser fina e calma não foi o suficiente para impedir que a maioria levasse um susto com a fala súbita.

Gabriel- Eu estou falando com você!

Eduardo pôde perceber que seu amigo usava um de seus cascos para apontar para Rafael. Assim como João e Laércio que olharam para trás, o unicórnio fez o mesmo.

Rafael- É comigo?

Gabriel- Sim, é com você! - a resposta foi de prontidão. - Não acha que está mais do que na hora de contar algumas coisas para a gente?

A princípio Rafael parecia confuso, mas puderam perceber nas suas mudanças de expressão subseqüentes que entendera a pergunta.

Rafael- Olha... eu já disse que não quero falar sobre isso...

Gabriel- Oh! - o sarcasmo era nítido na suposta expressão de surpresa. - Não quer falar? O que mais espera que eu sinta? Pena de você?

Eduardo- Gabriel, isso não precisa ser agora...

Gabriel- Precisa ser agora sim! - olhou para seu amigo para interrompê-lo e voltou a dar atenção aos três pôneis na sua frente. - Ou esse carinha explica o que aconteceu com ele ou eu me recuso a continuar andando com vocês! - virou o rosto novamente para Eduardo. - Não me venha com essa agora...

A última frase havia saído quase como um sussurro e demonstrava um leve desapontamento.

Por um tempo houve hesitação de todos os lados. Ninguém arriscava a retomar a palavra, esperando quase que educadamente que o unicórnio que realizasse tal ação e este o fez, após uma profunda respiração.

Rafael- Eu... não posso contar.

Gabriel levou um dos cascos a cabeça, demonstrando chateação.

Gabriel- Já que é assim... vamos embora, Duda.

De uma forma quase que infantil, Gabriel galopou a frente de João, Laércio e Rafael, parando logo em seguida para olhar para trás.

Gabriel- Vai ou não?

Eduardo o seguiu, ainda que meio confuso. A pégaso amarela acelerava a galopagem e o pônei vermelho precisou de alguma força para acompanhá-la. Dando uma breve olhada para trás, constatou que os outros três pôneis não se mexeram e apenas acompanhavam eles dois com o olhar.

Naquele ritmo não demoraram muito tempo para voltar a avenida. Estavam prestes a seguirem a direção que estavam tomando inicialmente, até serem interrompidos por uma voz.

?- Ei.

Mesmo com o chamado sendo estupidamente baixo, o silêncio ao redor permitiu que ouvissem claramente. Gabriel soltou um resmungo que dizia "de novo não", mas parou de galopar, exatamente como Eduardo tinha feito.

Ao se virarem em direção de onde a voz, a surpresa; não era João, Laércio ou Rafael e sim um pônei terrestre negro e conhecido de todos eles.

Flávio estava exatamente no mesmo lugar que fora deixado e desta vez não estava mais cabisbaixo, dando atenção a Eduardo e Gabriel. Seu olhar também não demonstrava nenhuma tristeza como antes e estava neutro, com olhos tão abertos que o terrestre vermelho tremeu; os olhos pareciam estar atravessando eles. Além de tudo isso, também havia algo mais estranho ainda.

Ele estava sozinho.

Não se via sinais dos pais de Rafael em lugar algum, enquanto Flávio estava exatamente na mesma posição acompanhado das malas abandonadas por eles mesmos algum tempo atrás. Por um instante Eduardo perguntou se deveria atender ao chamado, mas foi obrigado a realizar isso contra a sua vontade quando Gabriel tomou a frente. Não foram necessários mais do que alguns instantes até que estivessem cara a cara com o pônei de pelagem negra.

Gabriel- O que é que você tem a dizer? - começou rapidamente. - Se quer saber, abandonamos seus amigos logo ali atrás e pretendemos seguir separadamente.

Flávio- Não confiem no Rafael.

A resposta foi súbita e seca, causando um silêncio de espanto nos outros dois.

Gabriel- Como é?

Flávio- Não confiem no Rafael. - repetiu, quase como uma gravação. - Ele é meu irmão e sei o que estou dizendo.

Mais uma vez a parada foi quase uma ordem de silêncio. Flávio observava Eduardo e Gabriel com um olhar frio e sem emoções.

Eduardo- Bom... - foi o primeiro que conseguiu falar após a hesitação. - obrigado pela dica... eu acho. Mas nós não estamos mais com ele como Gabriel disse...

Flávio- Não importa. - e mais uma resposta seca e artificial. - Não significa que é a última vez que vocês verão o Rafael, então sigam a minha dica: não confiem nele.

Por um tempo os dois ficaram apenas confusos. "Se ele quer mesmo que confiemos nele, deveria estar falando isso com mais naturalidade ao menos" era o pensamento de Eduardo no momento e tinha certeza que seu amigo o compartilhava. A forma com que Flávio falava não passava confiança e o fato deste não ter pronunciado nada até então só servia para agravar ainda mais.

Desta vez o terrestre vermelho não ficou apenas no pensamento e resolveu fazer uma das perguntas que rodeavam a sua mente.

Eduardo- Onde estão... os outros dois que estavam com você?

Flávio- Não importa.

Eduardo- Não importa? - reagiu consideravelmente rápido a resposta robótica. - É tudo que tem a dizer?

Flávio- Não é comigo que vocês devem se preocupar, é com Rafael.

Aquilo foi a confirmação que aquela conversa não iria muito longe. Gabriel até tentou perguntar de outras formas, mas as respostas eram igualmente desconexas e vazias e não demorou para desistirem. Viraram para a direção de onde deveriam estar seguindo, dando um "tchau" que não foi respondido.

Depois de todos aqueles encontros e eventos, finalmente puderam galopar na velocidade que planejaram inicialmente. Eduardo bem que tentou não olhar para trás, mas foi inevitável.

Flávio permanecia imóvel e com o mesmo olhar penetrante de antes, mas o que havia mudado era o seu rosto. Ele estava com um sorriso, um sorriso frio e maldoso.

O mesmo sorriso que Rafael dera um pouco antes de matar.

"Não, é algum tipo de brincadeira." era um de seus pensamentos vagos, enquanto tentava desviava o olhar.

Com alguma dificuldade voltou a dar atenção ao caminho. Flávio agora não passava de um borrão a distância.

Exatamente como estimaram, a galopada não durou mais do que meia hora para chegarem na Ribeira, um dos extremos da cidade de Salvador.

O caminho provou que a cidade não estava tão vazia assim; pelo menos em três bairros que passaram, encontraram grupos de pôneis. Um desses grupos até tentou

se comunicar, mas eles ignoraram e continuaram seguindo adiante. Encontrar grupos de pôneis agindo estranhamente como Rafael ou como o pégaso ciano, que não sabiam o nome e nem teriam como saber agora, era o que menos queriam agora.

Algo intrigava a Eduardo; o que fariam depois de se encontrarem com sua mãe? A cidade permanecia sem energia, ou ao menos achava tal coisa e parecia que ainda duraria assim por um bom tempo. Na verdade duvidava que, se o mundo todo tivesse realmente sido atingido por aquela ponificação, as coisas pudessem voltar ao normal. Se para ele era difícil usar os cascos e isso que ele já sabia que teria aquela dificuldade caso virasse um pônei, como seria a situação para quem não tinha a menor noção do que fazer? Era como se tivessem suas mãos amputadas contra a sua vontade.

Ainda haviam os minopôneis; ele pôde jurar que viu pelo menos mais umas quatro pessoas deitadas com tal característica e em uma delas até mesmo confirmou: era um mendigo que estava com uma cauda cabeluda saindo de seus cobertores no Comércio, um dos bairros da Cidade Baixa. Normalmente cabelo não chama tanta atenção, mas aquele era verde escuro e consideravelmente longo; tinha a certeza de que não era humano, mas não teve a oportunidade de confirmar.

Todo o resto dos bairros da cidade seguiam o mesmo padrão; ainda havia um ou outro carro capotado no meio do caminho, mas na maior parte do tempo eram apenas ruas vazias e abandonadas, com pouca vida. A parte mais estranha foi no bairro da Calçada, que era um dos lugares mais movimentados da cidade nos finais de semana; estava tão vazio quanto todos os outros.

O bairro da Ribeira se localizava no final da Cidade Baixa, funcionando como uma espécie de fim de linha. Não havia mais nada pela frente, a não ser o Oceano Atlântico. Ainda era possível atravessar uma parte de tal oceano para alcançar Alagados, um bairro humilde localizado no subúrbio. Não era interesse de Eduardo e Gabriel naquele momento, porém.

Estavam próximos da casa de Ruth, a mãe de Eduardo. Gabriel não chegou pegar a infância de Duda, mas sempre que ia na casa da mãe do seu amigo, chamava-a formalmente de "Dona Ruth" e sempre dava risadas aleatórias quando imaginava que, se fosse amigo de infância de Eduardo, provavelmente passaria a maior parte do tempo chamando-a de "Tia Ruth", o que soava, para ele, estranhamente familiar.

Chegaram. A casa não tinha nenhum destaque em relação as outras do bairro. Era branca, com apenas o térreo e consideravelmente pequena, cercada por um muro não tão alto assim também branco e com poucas proteções contra invasores; tais proteções poderiam até não ser tão úteis antes, mas quem dependia de eletricidade para suas cercas funcionarem, agora estavam completamente vulneráveis.

Gabriel- E então?

A pergunta chamou a atenção de Eduardo, que não respondeu de imediato.

Eduardo- E então o quê?

Gabriel- Batemos no portão ou o quê?

Eduardo- Bom, tem um interfone, mas ele não deve estar funcionando agora.

O portão era de ferro e dava total visualização a parte interna, mas a porta da casa se localizava apenas mais a direita e não havia muito o que ver além de um quintal

bem arrumado.

Gabriel seguiu a dedução de seu amigo como uma ordem para que batesse no portão e assim o fez. Esperaram por quase um minuto.

Não houve resposta.

Gabriel- Acha que ela não está aí?

Eduardo- Não sei... não acho que minha mãe teria a ideia de sair de casa se acordasse como um pônei.

Insistiram nas batidas, diminuindo cada vez mais o intervalo de espera entre elas. Nada de respostas.

Eduardo- MÃE! - o grito foi espontâneo.

Gabriel- Se ela não ouviu as batidas, duvido que ouça o seu grito.

Eduardo sentou-se no chão, mostrando desapontamento.

Eduardo- Ah... então viemos todo esse caminho por nada? E o principal: onde está minha mãe? - parou, hesitando por um momento. - Ei.

Gabriel- O que foi?

Eduardo- Você tem asas! Não tem como voar pelo muro?

A pergunta assustou a pégaso amarela.

Gabriel- Você tá brincando... não é?

Eduardo- Vamos lá! Você vai voar.. - calculou o tamanho do muro da forma mais aproximada possível que conseguiria fazer sem ajuda de equipamentos. - dois metros? Não é tão alto assim.

Gabriel- Eu sei...

Olhou assustado para a parede, como se não tivesse confiança na afirmação que acabara de dizer.

Gabriel- Tudo bem... você tem razão. Eu posso voar por cima desse muro.

Eduardo sorriu.

Eduardo- Sim, funcionaria bem como um "primeiro teste".

Gabriel não demonstrou que concordou em palavras, mas não era necessário; tomou uma distância considerável, como se fosse pular o muro, mas abriu as asas, ação que causou um "flap" como onomatopéia, parecido com o mesmo som de um pássaro prestes a levantar vôo.

Galopou rapidamente em direção a fortaleza branca e colocou as asas em posição de planagem; foi o suficiente para sair do chão, mas não para passar a altura do muro. Acabou sendo obrigado a batê-las, ação feita sem o menor controle.

Não havia como medir a altura que já estava, mas tinha certeza que ultrapassava os dez metros. Não sabia se deveria bater as asas mais fortemente ou não, mas no ritmo que estava, só fazia subir.

Eduardo- Relaxe, rapaz! - gritava lá de baixo. - Tenha calma, senão sua altura só vai aumentar! Bata as asas mais devagar!

O conselho foi estritamente necessário para que Gabriel notasse que, de fato, batia as suas asas com força exagerada e tentou diminuir a mesma. Sua visão de horizonte já era invejável para muitos; não havia prédio no bairro que era mais alto do que onde estava e deduziu que sua altura ultrapassava fácil os trinta metros.

Aos poucos conseguiu reduzir a subida até que esta se tornasse uma descida e foi chegando ao chão em uma velocidade mais lenta do que deveria. Tomou um susto quando percebeu onde havia terminado o vôo.

Estava em cima do telhado da casa de Ruth.

Eduardo- Não pouse aí não, porra! - gritou logo após perceber onde a pégaso pousou. - Esse telhado não vai aguentar!

Gabriel não teve tempo de realizar nenhuma espécie de reação; quase que instantaneamente depois, o telhado desabou e tudo que Eduardo pôde ver foi seu amigo caindo em direção a casa.

O silêncio permaneceu durante algum tempo, que foi o suficiente para que o pônei vermelho começasse a demonstrar preocupação, mas esta não durou muito tempo.

Gabriel- EU TÔ BEM!

O grito seria engraçado em outros momentos, justamente por lembrar o velho clichê já visto em muitos filmes e shows, mas naquela hora Eduardo tinha outras preocupações. Tudo que pôde sentir foi um leve alívio.

Gabriel- E eu pago seu telhado depois!

Agora não era mais possível conter o riso, que continuou até que Gabriel voltasse a falar.

Gabriel- Como eu saio daqui agora?

Eduardo- O telhado já está quebrado mesmo, voe por onde veio.

Gabriel- Voar? - um leve terror era sentido em sua voz. - Não me fale em voar por um bom tempo! Sua mãe costuma deixar a porta da frente trancada?

Eduardo- Sim... - ficou pensativo. - até a última vez que passei aí, ela deixava a chave pendurada ao lado direito da geladeira.

Gabriel- Na cozinha?

Eduardo- Não, no banheiro. - fez questão de deixar a ironia clara. - É claro que é na cozinha, cacete. Você lembra onde é, não lembra?

Gabriel- Sim e ela é longe desse buraco. Deixa eu pegar lá e já volto.

Eduardo ouviu uns sons de trotagem se afastando e esperou pacientemente. Em poucos instantes ouviu também um som de chaves e logo em seguida mais um grito.

Gabriel- Tá na mão, ou no caso, nas asas! Qual dessas é agora?

Estava prestes a responder, quando lembrou de um detalhe.

Gabriel- Duda?

Eduardo- Desculpe... é a quadrada com um corpo azul marinho...

Gabriel- Qual foi que você demorou de responder?

Eduardo- Eu lembrei que minha mãe não fazia cópias das chaves e levava esse molho com ela para todo lugar.

A resposta demorou um pouco de acontecer.

Gabriel- Então... ela está aqui?

Eduardo- Espero que esteja. Abra a porta.

Não foi necessário muito tempo para que Gabriel destrancasse a porta, saísse e estivesse visível para Eduardo. A pégaso em direção ao portão e perguntou qual chave abriria, o que seu amigo respondeu de prontidão.

Entrou o mais rápido possível no quintal e pediu para que Gabriel o acompanhasse. Na sala tinha a visão das telhas, a maioria delas em pedaços e o sol adentrando e iluminando sem pedir permissão. Havia uma porta em frente que estava fechada e duas a direita, que estavam abertas e escancaradas; Eduardo lembrava que a mais próxima da porta de entrada levava à cozinha e a segunda levava a um corredor que tinha um banheiro e o quarto de hóspedes, onde ficava sempre que passava a noite na casa de Ruth. A que lhe interessava estava à sua frente; era a entrada para o quarto de sua mãe.

Eduardo- Abra aquela porta ali. - apontou com uma das patas. - É onde minha mãe dorme.

Gabriel não questionou e foi em direção ao local, pisando aleatoriamente em pedaços de telhas que quebravam em ainda mais pedaços. Ao chegar na porta, constatou que não abria.

Gabriel- Tá trancada.

Eduardo- Chave verde escura. É a única que ela tem uma cópia e está nesse molho.

Rapidamente a pégaso achou a chave especificada e destrancou a porta. Estava prestes a entrar quando foi surpreendido por Eduardo.

Eduardo- Eu entro. Sei me virar com ela.

Passou a frente de Gabriel e abriu a porta com dificuldade. Fez questão de fechá-la novamente ao entrar e seu amigo respeitou, desviando o olhar.

A espera foi aumentando. No início Gabriel achou que não passariam de segundos, mas já começavam os minutos. No décimo minuto, ou ao menos achou que era o décimo, desistiu de ficar por perto e foi em direção a cozinha.

Já tinha passado por lá, mas não deixou de surpreender com a arrumação; não havia nem mesmo uma migalha seja na pia ou na mesa que ficava no centro. O que podia brilhar estava reluzente e o cheiro era deveras agradável. Abriu a porta da geladeira, já esperando que viesse um cheiro de leve podridão pelo tempo sem luz, mas seu olfato não conseguiu detectar nada.

Não havia nenhum tipo de carne na geladeira; ovos estavam em seus lugares e no topo havia manteiga e queijo. Via também uma garrafa de iogurte logo abaixo dos ovos e uma panela fechada no compartimento logo abaixo do queijo que tomou

coragem e abriu; era apenas sopa. Ao lado da panela havia um pacote de pão integral e uma boa quantia de verduras e legumes estavam na parte mais inferior. Conseguiu ver também outras vasilhas fechadas, mas não tentou abrir nenhuma delas. Pegou a garrafa de iogurte e colocou em cima da mesa, fechando a porta da geladeira logo em seguida.

Estava prestes a abrir a garrafa, quando notou que Eduardo apareceu na entrada da cozinha.

Eduardo- Vamos embora. - falou suavemente e com baixo volume. - Não temos nada a fazer aqui.

Gabriel- Como assim? E sua mãe?

Ele não respondeu.

Gabriel viu que seu amigo estava muito mais triste do que antes; percebeu também que os pêlos embaixo de seus olhos estavam levemente umedecidos.

Gabriel- Perae... você estava... chorando?

Eduardo- Vamos embora. - repetiu, ignorando a pergunta e desviando o olhar.

A pégaso amarela passou a frente e saiu da cozinha; Eduardo não tentou impedir, permanecendo no mesmo lugar.

Não foi necessário mais do que um minuto para que Gabriel voltasse. Sua expressão era parecida com a do seu amigo, exceto pela ausência dos pêlos molhados abaixo dos olhos. Olhou para ele e logo em seguida o abraçou, de uma forma consideravelmente desajeitada por ser um pônei. Após o abraço levemente duradouro, retomou a palavra.

Gabriel- Eu...

Eduardo- Não precisa falar nada. - interrompeu com a mesma suavidade das palavras anteriores. - Vamos embora.

Desta vez a pégaso seguiu a ordem sem pestanejar. Saíram suavemente pela porta de entrada, fechando-a sem fazer barulho. Gabriel usou o molho de chaves para trancar novamente o acesso e o portão e em poucos instantes estavam de volta a Avenida Beira Mar, com apenas o oceano e Alagados para se ver ao horizonte.

Igualmente silenciosos, seguiram caminho pela calçada; não sabiam exatamente para onde estavam indo, mas tinham a certeza de que não havia mais nada para se fazer naquele lugar.

Até poucos instantes atrás aquele quarto estava escuro, sendo iluminado somente por uma pequena brecha da cortina. Tudo havia mudado quando um pônei entrou naquele lugar e precisou abrí-las para ter uma visão melhor do lugar; este não gostou do que viu e saiu minutos depois, não retornando mais. Um outro pônei também havia entrado logo em seguida, permanecendo lá por menos tempo ainda. Provavelmente passou apenas para averiguar alguma coisa.

A cama de casal, que ficava encostada a um dos quatro cantos, não estava vazia. A visão, tapada parcialmente por cobertores brancos, era de uma senhora negra, na

faixa dos seus sessenta anos e com quase todos os cabelos brancos. Parecia estar em um bom sono, mas ao mesmo tempo passava uma aterrorizante expressão cadavérica. Se havia uma certeza daquela mulher, é a de que seu corpo agora desconhecera a vida, sendo apenas um mero objeto que causava um peso no leito.

O primeiro pônei que passou por lá não se contentou apenas com esta visão, puxando agressivamente o cobertor. Agora era possível de ver a continuação da camisola, mas no seu fim, ao invés da esperada perna humana, havia uma perna equina e coberta de pêlos magenta. Acompanhado por eles, uma grande quantia de cabelos pretos. Com um pouco de raciocínio, era possível de perceber que aquilo não era mais do que uma espécie de cauda.

Por algum motivo, o mesmo pônei que havia puxado agressivamente o cobertor, agora estava em um canto oposto do quarto, chorando igual a uma criança. Seu olhar não conseguia permanecer focado naquele corpo e desviava o tempo todo. Demorou alguns minutos para se recuperar e não olhou mais; saindo daquele quarto para não voltar mais.

Ao lado da cama havia uma cabeceira com um despertador-rádio que não estava funcionando, mas junto deste despertador, havia um porta-retrato com uma foto. A imagem da foto era desta mesma senhora, provavelmente alguns anos mais jovem, ao lado de um esbelto rapaz de mesma cor, cabelo ralo e negro e com um sorriso bastante contagiante.

Naquele momento ninguém se atreveu a mexer em tal porta-retrato, mas se mexesse e retirasse a foto, atrás da mesma encontraria escrito com uma letra bonita e com indícios de ser bastante treinada por caligrafias:

"Eu e meu amado filho Duda.
Rio de Janeiro, 02/08/2005".